


**O CAMPO INTERDISCIPLINAR DA COMUNICAÇÃO** DOI: 10.5281/zenodo.6795887**Valdineia Ferreira dos Santos**

*Professora do curso de Letras da Universidade Federal do Amazonas/UFAM. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Mato Grosso/UNEMAT e Letras pela Universidade Federal de Rondônia/UNIR. Mestre em Linguística pela Universidade Estadual do Mato Grosso/UNEMAT e Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP. Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. E-mail: valdineia@ufam.edu.br*

**Carlos Alberto S. de Oliveira**

*Técnico em Assuntos Educacionais da Universidade Federal do Amazonas/UFAM. Graduado em Letras pela Universidade Federal do Amazonas/UFAM. Mestre em Letras e Artes pela Universidade Estadual do Amazonas/UEA. Doutorando em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. E-mail: carlosalberto@ufam.edu.br*

**Resumo:** O presente artigo busca explicitar alguns pontos principais para uma caracterização do campo de estudos em Comunicação, a questão da interdisciplinaridade e perspectivas referentes aos objetos de estudo. A partir do século XX, surgiram, entre os estudos da Comunicação, uma diversidade de teorias que procuram estudar o fenômeno. Embora, institucionalmente, a área esteja consolidada através dos cursos de comunicação, há pouco consenso na definição a respeito do objeto, métodos e teorias. Ao longo dos últimos anos, os estudos na área definiram vários objetos e se misturou com outros campos do conhecimento para compreender melhor os fenômenos de Comunicação. O objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão sobre constituição da área da Comunicação, mais especificamente, sobre seu objeto de estudo. Tal discussão se faz a partir das abordagens de Braga (2011), Martino (2003; 2014) e Silveira (2021). Assim, a partir de estudos epistemológicos, será apresentada algumas discussões sobre a constituição do campo da Comunicação, bem como, de seu objeto de estudo. Os resultados revelaram que o acolhimento indiscriminado da diversidade, estimula a postura interdisciplinarista “frouxa”, aceitando a convivência meramente cumulada de todos os aportes. Desta forma, o grande desafio é transformar essa diversidade de perspectivas e suas diferenças em posições teóricas, impulsionando a produção científica.

**Palavras-chave:** Epistemologia. Comunicação. Objeto. Interdisciplinaridade. Mídia.

**Abstract:** This article seeks to explain some main points for a characterization of the field of studies in Communication, the issue of interdisciplinarity and perspectives regarding the objects of study. From the 20th century onwards, a variety of theories have emerged among Communication studies that seek to study the phenomenon. Although, institutionally, the area is consolidated through communication courses, there is little consensus on the definition regarding the object, methods and theories. Over the last few years, studies in the area have defined several objects and mixed with other fields of knowledge to better understand the phenomena of Communication. The objective of this work is to reflect on the constitution of the area of Communication, more specifically, on its object of study. This discussion is based on the approaches of Braga (2011), Martino (2003; 2014) and Silveira (2021). Thus, based on epistemological studies, some discussions will be presented about the constitution of the field of Communication, as well as its object of study. The results revealed that the indiscriminate acceptance of diversity stimulates a "loose" interdisciplinarity posture, accepting the merely cumulative coexistence of all contributions. Thus, the great challenge is to transform this diversity of perspectives and their differences into theoretical positions, boosting scientific production.

**Keywords:** Epistemology. Communication. Object. Interdisciplinarity. Media.

## INTRODUÇÃO

Os estudos da Comunicação como ciência, surgem a partir dos estudos das Ciências Sociais no século XX com discussões ligadas às produções de sentido, que já eram abordadas pela Sociologia. Considerando que os trabalhos comunicacionais permeiam outras ciências, ao longo das últimas duas décadas, um número considerável de pesquisadores da área passaram a focar sua atenção sobre a constituição do Campo da Comunicação e sobre a delimitação de seu objeto de estudo, gerando uma variedade de teorias que procuram apreender o fenômeno. Segundo Braga (2011), desde 1990, as ciências humanas e sociais diminuíram o foco nesse objetivo "talvez porque foi sendo constatada a complexidade do fenômeno, sua diversidade de aspectos, sua presença em todos os contextos e em toda a processualidade humana" (2017, p.17). Desta forma, teorias foram surgindo e sendo acionadas, porém, concentradas em outros ângulos, levando a uma diversidade de perspectivas.

Conforme Silveira (2021), os eixos teóricos dão sustentação aos projetos de pesquisa, nenhuma pesquisa se desenvolve sem uma problematização teórica. O autor apresenta três níveis diferentes entre teoria e pesquisa:

no primeiro, importa a escolha de grandes perspectivas, de quadros gerais de inscrição, e dos conhecimentos já estabelecidos que devem ser importantes para basear a pesquisa; no segundo, a teoria já deve ser tensionada pelas questões “em elaboração” – pelo tratamento do objeto – fornecendo, ao mesmo tempo, bases para interrogá-lo (e não para explicá-lo); no terceiro, importam os redirecionamentos, os complementos e as revisões – aportados à teoria pelos resultados da pesquisa (no nível e segundo as possibilidades do objeto e das descobertas realizadas) (SILVEIRA, 2021, p. 03).

Nesse sentido, o pesquisador em Comunicação se depara com um problema, que é a definição ou caracterização do objeto de conhecimento de sua área, e isso o impede de se situar com uma identidade acadêmica. Para Braga (2011) a Comunicação surge como algo amplo e presente em todas as atividades humanas, deixando seu objeto inapreensível, concluindo que tudo é comunicação (política, literatura, educação, artes, linguagem, etc), e se torna como objeto em todas as áreas, “estando em todas as pautas, não estando em nenhum lugar” (p. 65). A sensação é de que a Comunicação deve ser considerada apenas uma disciplina *sui-generis*, e mesmo ao ser considerada como uma disciplina científica, ainda continua a sensação de que deva ser considerada como ciência aplicada, no sentido em que sua cientificidade é derivada de outros saberes. Já para Martino (2003) uma epistemologia da Comunicação pode se fundar no mesmo solo de outras ciências sociais e trabalhar com uma perspectiva independente daquela que entende a Comunicação enquanto campo.

Observa-se assim, uma pluralidade da área que permite estudar diversos temas, utilizando-se de ideias e métodos de outros campos do saber, deixando a Comunicação sempre aberta a novos assuntos, métodos, objetos e teorias no cruzamento de várias áreas.

Como posto acima, embora a Comunicação seja estudada em vários campos do saber, concorda-se com Martino (2003), que uma área de estudo não se caracteriza por um objeto dado, ou seja, não é o objeto que define uma pesquisa como sendo da área da Comunicação, mas o modo como olhamos para um tema, a questão não é apenas teórica. Alguns estudiosos caracterizaram o fenômeno da Comunicação como interdisciplinar e isso estimulou a crença de que a Comunicação é um objeto de estudo e que nenhuma ciência se dedicava a investigar tal objeto. Nessa perspectiva, por meio da revisão bibliográfica de literaturas, pretende-se neste trabalho, fazer uma discussão sobre o objeto de estudo da Comunicação, ou seja, fazer uma reflexão

sobre este objeto enquanto algo construído por meio de uma elaboração teórica, uma vez que o objeto comunicacional não pode preceder o saber que o instituiu, mas pode explicitar qual a compreensão que o saber comunicacional tem daquilo que investiga.

### **A constituição do campo da comunicação e seu objeto**

Atualmente, existem diversas Teorias da Comunicação, cada uma com sua definição, seus objetos e métodos de estudo. Segundo Braga (2011) é irrelevante discutir o estatuto acadêmico do campo da Comunicação, se de ciência ou disciplina, pois é inegável que na situação histórico-social, a busca pelo espaço de estudos, reflexões e pesquisas tem sido extremamente relevante na construção da constituição do Campo da Comunicação. Todavia, esse conjunto de estudos é composto por diversas preocupações como o desenvolvimento de conhecimento sobre o homem e a sociedade, tais como a Literatura, História, Sociologia, Educação, Linguagem, Antropologia e outras áreas do conhecimento. Com preocupações semelhantes, Martinho(2003) apresenta uma discussão sobre as epistemologias contemporâneas e o lugar da comunicação. O autor fala da importância de se definir o saber comunicacional, seus fundamentos, seu estatuto, se ciência, arte, disciplina, etc, bem como, a relação desse saber com outros.

Braga (2011), por duas razões não concorda com a explicação do Campo da Comunicação como um campo interdisciplinar, “a primeira corresponde à percepção de que um campo de estudos hoje se vê inevitavelmente atravessado por dados, conhecimentos, problemas e abordagens concebidos e desenvolvidos em outras disciplinas e/ou tecnologias” (2011, p. 63). Nessa perspectiva, todos os campos de conhecimento não têm existência isolada, ou seja, são “interdisciplinares”. A segunda está relacionada a um espaço de interface, em que um determinado conhecimento se faz na confluência de duas ou mais disciplinas já estabelecidas, como a Psicossociologia ou a Bioquímica. Nesse sentido, a interdisciplinariedade do campo é recusada, pois, através dessa perspectiva que era explicado e justificado sua dispersão, para Braga essa seria “a defesa de uma visão frouxa dos estudos” (p. 64). É como se todas as outras áreas humanas e sociais tivessem algo a dizer sobre a Comunicação, pois o tema aparece em todas, possibilitando assim um encontro para a troca de pontos de vistas específicos, “a Comunicação é uma encruzilhada pela qual muitos passam e poucos permanecem” (p. 63). Porém, o encontro é o vácuo e não tem nada que explique o porquê do interesse tão generalizado pelo tema.

Nos aproximamos atualmente de uma “disciplina do conhecimento [...] não se trataria de uma disciplina “como as outras” – que embora já não sejam caracterizadas por um critério positivista, têm uma história de criação em termos de “objeto & método” (2011, p. 64). Braga caracteriza o campo como uma disciplina em processo de constituição, sem a exigência de um delineamento teórico ou positivista. Hoje, não se aceita mais que qualquer coisa seja alegada como um estudo de Comunicação.

O autor trata de uma questão duplamente interessante, que é o trabalho de interfaces, o qual trata com seriedade os enfoques comunicacionais, gerando grandes desafios na produção de conhecimento sobre os fenômenos comunicacionais, conhecimentos mais estabelecidos na área, fornecendo teorias e perspectivas necessárias, absorvendo a atenção do pesquisador por suas teorias e objetos mais delineados. Tem uma questão fundamental para a construção e avanço de conhecimento em comunicação e de contribuição comunicacional: o que há e comunicação nessa interface? A partir desse questionamento, os estudos de interfaces podem ser, ao invés de um espaço de dispersão, um espaço de trabalho construtivo do conhecimento comunicacional.

Deve-se escolher e selecionar objetos específicos que identifique a área, sem cair no reducionismo de focar a área com nossas preferências pessoais ou grupais, excluindo outras perspectivas externas ao campo. Deve-se também evitar sobreposições com outras áreas de estudos mais estabelecidas, se afastando de uma posição holista em direção a uma preferência especializada. Existe uma forma que ajuda na constituição da área: é tomar o objeto da comunicação como toda e qualquer conversação do espaço social, ou seja, “o que há de propriamente ‘conversacional’ e de troca (simbólica e de práticas interativas) nas diversas instâncias e situações da vida social (2011, p. 65). Entretanto, embora tenha ênfase nos processos comunicacionais, esta é uma visão generalizada, que enfatiza apenas o que ocorre nos meios de comunicação social. Em contraposição, essa perspectiva se revela menos holista e nem reducionista, mas uma tentativa de recorte, com graus diversos de abrangência, porém, com risco de segmentar o objeto.

No final dos anos 90, havia uma cobrança de objeto e método como critério disciplinar, enfatizando os temas, mais que os problemas comunicacionais, como se os temas fossem os caracterizadores. Conforme Braga (2011), não é o tema que garante a pertinência da pesquisa, mas a visão sociológica posta sobre este, não podemos pensar num campo de estudo apenas temático. Para o autor “o objeto da

Comunicação não pode ser apreendido enquanto ‘coisas’ nem ‘temas’, mas sim, como um certo tipo de processos epistemicamente caracterizados por uma perspectiva comunicacional” (p. 66). Os processos sociais em geral devem ser percebidos pela ótica que neles busca a distinção do fenômeno, numa tentativa de capturar tais processos e suas características nas mídias, na atualidade, nos signos, em episódios interacionais. O importante é a capacidade para desvelar e explicitar os processos que, de alguma forma, resultem em distinção clara e objetiva sobre o que se pretende caracterizar como “fenômeno comunicacional” relacionado aos temas e questões de nossa preferência.

O que geralmente acontece nas demais áreas de conhecimento, é que a Comunicação ou é observada sem ser problematizada, ou é problematizada com interesses específicos da área. Já no campo da Comunicação qualquer fato humano é problematizado na vertente comunicacional, assim, mais do que perceber o engajamento nas atividades e processos “conversando” e se “comunicando”, procura-se perceber o que é de fato inerente aos processos mais amplos de trocas simbólicas e de interações, isto é, como tais ações específicas determinam os processos de comunicação envolvidos.

Tal postura faz-se relevante na constituição da identidade da comunicação enquanto campo ou área de estudo. Braga (2011, p. 70) traz abordagem epistemológica de Martino, citando que:

a natureza dos estudos em Ciências Humanas – que tem no homem um ser essencialmente comunicativo, seu objeto comum – faz com que a análise dos processos comunicativos seja um ponto de passagem quase obrigatório, o que dificulta a delimitação mais precisa do objeto da Comunicação, uma vez que ele se encontra misturado as análises de outras disciplinas (BRAGA, 2011, p. 78).

De acordo com Martino (2003), a busca por teorias e métodos que se concentrem na constituição do campo da Comunicação é de fato um grande desafio aos pesquisadores da área, gerando impasses nos estudos epistemológicos da área. Percebe-se, nesse sentido, o grande desafio em discutir sobre as epistemologias contemporâneas e o lugar da Comunicação e a importância para a área sobre a fundamentação de um saber comunicacional, questões típicas que caracterizam o trabalho epistemológico e sua aplicação ao saber comunicacional. A epistemologia enquanto estudo do conhecimento científico se opõe à filosofia da ciência, pois se

ocupa de problemas mais específicos e próprios do conhecimento científico, tais como, seu objeto, classificação, método e sua fundamentação. A pluralidade de saberes científicos dificulta a classificação, podendo até levar a uma hierarquia entre as disciplinas científicas (MARTINO, 2003).

Existe uma certa dificuldade na comunidade responsável pelo saber comunicacional, em aproximar a Comunicação da ciência. Segundo Martino (p.84), o estatuto desse saber oscila entre uma não-disciplina, “apenas um campo de aplicação para as disciplinas das mais variadas ciências[...]”, e uma superdisciplina, vista como uma síntese e acabamento das ciências humanas e da filosofia. Nesse sentido, a Comunicação, ora é pouco consistente para ser reconhecida como ciência, ora é vista como fundamento e acabamento das ciências humanas. Para além e aquém da ciência, entre o tudo e o nada, entre o desprezo e a exaltação injustificados, oscilando entre uma sub e uma superciência, o saber comunicacional praticamente se vê impedido de ser trabalhado numa dimensão científica na qual ganha pertinência a questão epistemológica (MARTINO, 2003, p. 84).

No Brasil, a epistemologia tal como é desenvolvida, apresenta 3 problemas: o subjetivismo, a imagem da ciência nos trabalhos de comunicação e o desaparecimento do objeto. Conforme Marino (2003), objeto é aquilo que se dá a ver ou conhecer para um sujeito, as coisas passam a ser objetos em função de um ato de reconhecimento e sua questão é fundamental e está diretamente relacionado a um saber. É muito interessante uma afirmação que o autor faz, “é preciso ter-se em conta que discutir o objeto de estudo de uma ciência não é exatamente fazer uma lista dos objetos que ela pode ou não tratar” (p. 85). Ou seja, não é olhar o mundo e dizer o que pode ou não ser estudado pela Comunicação, uma vez que o objeto comunicacional não pode preceder o saber que o institui, mas deve explicitar qual a compreensão que o saber comunicacional tem daquilo que investiga. Nessa perspectiva, falar de objeto de estudo na Comunicação é falar de um saber teórico que fornece uma representação do mundo, ou de um mundo que aparece através desse saber.

Martino (2003) faz uma distinção entre objeto de estudo (geral) e objeto de pesquisa (específico). Ele reforça que “[...] objetos de estudo, que só aparecem por meio de uma teoria, de uma apreensão não-naturalizada, mas produzido por um modelo teórico. O objeto de estudo é, portanto, uma construção teórica ou o objeto de uma teoria” (p. 85). Como aponta o autor,

o objeto de um certo trabalho de investigação é, por assim dizer, a matéria intelectual que ele manipula e que só aparece nas elaborações teóricas pelas quais os fenômenos se apresentam à investigação científica (e se opõe, assim, ao objeto empírico). Por sua vez, o objeto de uma disciplina deve ser compreendido como o ponto de vista mais geral, responsável pelo recorte e pela abordagem por meio da qual o fenômeno se apresenta ao trabalho de teorização. Ele funciona simultaneamente como um pano de fundo de onde se destacam as teorias e como princípio de diferença e de unidade de campo. É a partir dele que se afirma a diversidade teórica de um domínio do conhecimento, de modo que todas as teorias são então posicionamentos gerais em relação ao objeto de estudo de uma dada disciplina, por isso marcam suas diferenças específicas em função deste referencial, ao mesmo tempo em que se reúnem ao redor de um problema fundamental que ele representa (objeto de pesquisa) (MARTINO, 2003, p. 86).

Nos estudos da epistemologia da Comunicação outros pesquisadores tem a mesma postura de Martino e apontam o objeto problematizado, com delimitação de um objeto de conhecimento. Tradicionalmente, dois grupos de pesquisas tem definido a pesquisa em Comunicação:

1. O mais conhecido são os estudos sobre mídia e sociedade, cujo objetivo é compreender os meios de comunicação (analógicos, digitais ou em rede) a partir de suas características, pensando nos discursos produzidos por eles ou na sua relação com a sociedade. Nessa perspectiva, a pesquisa em Comunicação é definida como “estudo da mídia e suas características técnicas, produção, circulação e recepção de suas mensagens e interações mediadas” (MARTINO, 2003, p. 23). Desta forma, a mídia é tida como objeto de estudo da área, embora, não defina um campo de estudo. Porém, ao relacionar uma pesquisa à mídia, não é suficiente para afirmar que está realizando uma pesquisa no campo da Comunicação.

2. O segundo grupo aborda a Comunicação como interação entre indivíduos, grupos e comunidades. Nessa perspectiva, pesquisa em Comunicação é o estudo das interações simbólicas entre os sujeitos, independente dos meios de comunicação. Assim, a mídia pode ou não estar presente, mas não é o elemento responsável por intermediar a relação entre pessoas. Entretanto, nesse grupo o problema está em limitar qual tipo de pesquisa não pertence à Comunicação, uma vez que toda produção de sentido está relacionada à Comunicação.

As perspectivas acima explicam o campo da pesquisa em Comunicação, porém, ambas tem suas fragilidades, sobretudo ao questionar fronteiras disciplinares.



Mais uma vez concordamos com Martino ao dizer que uma área não se caracteriza por um objeto dado, mas contruído. Ao definir uma pesquisa em Comunicação como estudos de mídias, deve-se considerar em cada pesquisa, o que está sendo chamado de mídia, discussão essa relevante para a construção de uma área do saber.

Para Martino (2003) existe um mal entendido que deve ser explicado: o objeto de estudo não deve ser oposto à diversidade teórica, pois ele é o elemento de emergência e de inteligibilidade da diversidade. Assim, não há que escolher entre objeto ou diversidade. Para o auto o objeto de estudo é uma proposta, uma conjectura útil, ele não precisa ser um consenso: haverá tantos objetos de estudo quantas respostas cabíveis ao problema de se aproxiar e pensar a unidade de um certo conjunto de teorias, ou seja, teremos tantos objetos de estudos quantas forem as abordagens, o objeto será construído a partir da singularidade da perspectiva que busca a explicação de um fenômeno social específico e que se manifesta de diversos modos. Trata-se de uma discussão sobre as orientações mais gerais do trabalho de recorte e problematização de um aspecto da realidade, típica do trabalho epistemológico.

Pode ser concluir que o objeto de estudo serve de ponte entre os aspectos epistemológicos gerais e o trabalho de uma investigação particular, um trabalho de recorte e problematização de um aspecto da realidade, possibilitando ao mesmo tempo, uma reflexão e um distanciamento crítico, que serve também de referência para orientar a busca de interlocução teórica. Nesse sentido, um objeto não pode desaparecer,

Afastemos logo de saída toda noção destrutiva (implosão, desmaterialização, desintegração...) ou mágica (aparecer/desaparecer), já que não se trata de um objeto material (empírico), nem de tecermos considerações sobre práticas não-científicas. Em termos etritamente epistemológicos, o desaparecimento do objeto de uma disciplina equivale ao desaparecimento da disciplina correspondente (MARTINO, 2003, p. 88)

Para o autor, a morte ou desaparecimento são expressões oriundas de recursos estéticos, modos de dizer que portam uma certa beleza, por meio dos abusos de linguagem que introduzem, mas que não refletem necessariamente um pensamento coerente ou isento de contradições insuperáveis, “a morte do objeto de um domínio de conhecimento não é igual a uma disciplina mais a ausência de um

objeto, é simplesmente nada, coisa alguma” (. 88). Os defensores dessa postura teórica fazem parte de uma filosofia conhecida como pessimismo, doutrina pessimista que se caracteriza por tentar conferir um estatuto ontológico ao contra-senso ou por entender a existência mesma como absurda ou contra-senso. Todavia, a ausência de um objeto de estudo pode ser pensado se não tomarmos a Comunicação como designação de um certo saber, saber comunicacional, mas como uma instituição ou conjunto de instituições.

Desta forma, é possível pensar por um momento, a questão do objeto que pode se obscurecer a ponto de podermos tomar certas liberdade poéticas para expressar este estado de fatos. Podemos falar em morte ou desaparecimento do objeto, fora de um plano epistemológico, e sim, de história ou de sociologia das ciências. Não trataria mais da questão do conhecimento, mas de suas intuições sociais (MARTINO, 2003).

Finalizando, se em termos epistemológicos o desaparecimento do objeto não pode ter nenhuma significação, ao ser proposto enquanto uma reflexão epistemológica, essa ponderação pode até não fazer avançar o problema epistemológico da área, entretanto, pode informar sobre o estado de compreensão que a área tem dos problemas epistemológicos. É importante lembrar que a Comunicação, como área do saber, deve ser mais do que um resultado de interseções de outras ciências aplicadas ao processo comunicacional. Conforme Martino (2014, p. 31), as relações humanas tem os meios de comunicação como suporte, porém, os objetos em que um pesquisador desta área deve se debruçar não é todo e qualquer fenômeno comunicativo, “mas apenas aqueles restritos à dimensão humana e mediatizados por dispositivos técnicos”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As ciências modernas não descobriram a comunicação, mas problematizou seu desenvolvimento, levando ao nascimento de várias formas e modos na sua realização. Assim, falar sobre seu objeto, não significa falar sobre objetos disponíveis no mundo, mas àqueles construídos pela comunicação.

Considerando o homem como um ser essencialmente comunicativo, a proposta neste trabalho foi discutir o objeto da comunicação e sua identidade na área, bem como, a delimitação desse objeto, uma vez que ele se mistura com as análises de outras áreas.

Existem outras linhas de raciocínio que buscam em outras áreas elencar o objeto da Comunicação, como por exemplo, é a Escola de Frankfurt, é voltada para uma abordagem político-econômica dos processos de comunicação de massa. Tal pensamento é criticada por Martino (2014). Observa-se a necessidade de distinguir primeiro a presença do ângulo “interação comunicacional” e em seguida investigar se este ângulo é o que direciona os objetivos prioritários da área, contribuindo para a construção do campo. As reflexões representam proposições epistemológicas do que está acontecendo no campo das pesquisas em Comunicação, revelando seus limites dinâmicas. Que a diversidade da área seja uma propulsora da produção teórica. O grande desafio é transformar essa diversidade de perspectivas e suas diferenças em posições teóricas, evitando por um lado, os cortes absolutos, e por outro, a soma infinita e o ecletismo desenfreado.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, José Luiz. **Constituição do Campo da Comunicação**. Verso e Reverso, vol. XXV, n. 58, janeiro-abril 2011.

\_\_\_\_\_. Dispositivos Interacionais. Trabalho selecionado pelo GT Epistemologia da Comunicação. In: XX Encontro anual da Compós. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

MARTINO, Luiz Claudio. As epistemologias contemporâneas e o lugar da Comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (org). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. Interdisciplinaridade e objeto de estudo da comunicação. In: HOHLFELDT, Antônio & MARTINO, Luiz C. (orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVEIRA, Fabrício. **Como os projetos de pesquisa se relacionam com as teorias?** XXX Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP, 2021.

RÜDIGER, F. **Introdução a Teoria da Comunicação**. São Paulo, Edicon, 1998.

VASSALLO LOPES, M.I.; BRAGA, J.L.; SAMAIN, E. 1997. **Proposta de atualização da categorização do campo da Comunicação em subáreas**. Mimeo, 1997.